

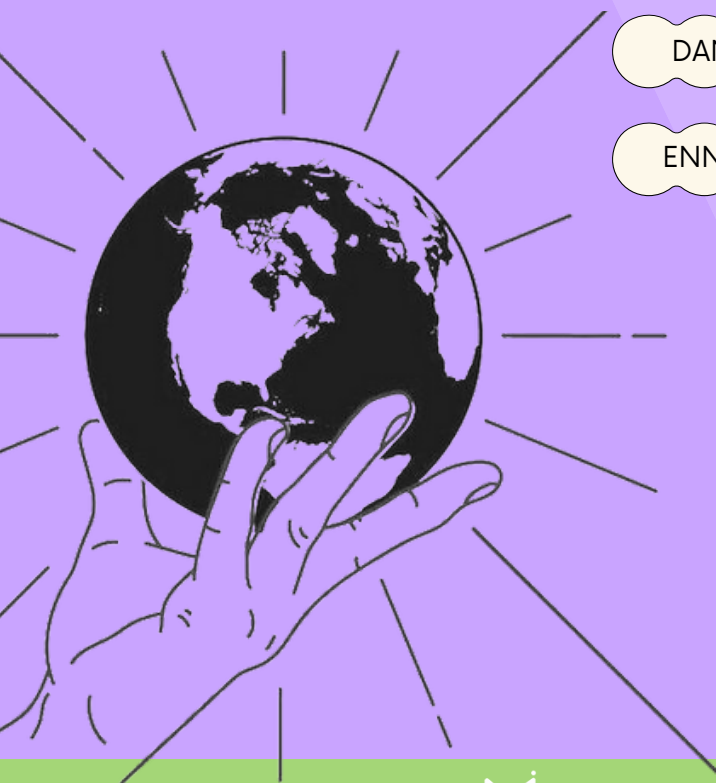
MATERIAL DE APOIO

MINICURSO:

PESQUISAS FEMINISTAS E DE GÊNERO: ARTICULANDO METODOLOGIAS CONCEITOS E TEORIAS

DANIELLE PASSOS

ENNDIEL MENDES



INTRODUÇÃO

Os trabalhos feministas e de gênero, desenvolvidos no âmbito das Relações Internacionais, têm contribuído substancialmente na ampliação de agendas, temáticas e debates dentro do campo, em diálogo com outras áreas das ciências humanas e sociais. As análises que levam em consideração ou possuem foco no gênero enquanto conceito relevante e categoria de análise, e nos feminismos, já fazem parte das disciplinas e camadas de formação, tais como Teorias de Relações Internacionais, Estudos para a Paz, Segurança Internacional, Economia Política Internacional, Análise da Política Externa etc. Dessarte, a fim de rescindir a visão tradicionalmente dominante de que a esfera internacional é uma esfera exclusivamente masculina e masculinizada, bem como de fortalecer a diversidade e multiplicidade nas RI, vistas como uma demanda e resposta crítica às reivindicações de discussões mais contemporâneas, as perspectivas feministas e os estudos de gênero emergem enquanto projetos intelectuais engajados.

Assim sendo, pretende-se apresentar neste minicurso algumas características, problemas e noções iniciais envolvendo três aspectos: metodologias, conceitos e teorias sensíveis ao enfoque de gênero, para auxiliar no desenvolvimento de agendas de pesquisas, apresentações de trabalhos, escrita de artigos científicos, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dissertações, teses etc. Dentro desse contexto de reflexão e investigação, entende-se que a articulação desses três aspectos possibilitam que o feminismo e os Estudos de Gênero sejam enxergados como ferramentas políticas e teórico-epistemológicas internacionais, com legitimidade de articular boas contribuições na academia, nas pesquisas e nos movimentos práticos.



COMO COMEÇARAM AS DISCUSSÕES? EM QUE NÍVEL ELAS ESTÃO?

As discussões teóricas e metodológicas feministas e de gênero passaram por diferentes graus na academia. De acordo com Lagrave (2020), essas contribuições para os saberes foram incorporadas nas universidades graças à atuação político-militante de muitas mulheres. Entretanto, diversas foram as dificuldades enfrentadas para se consolidar enquanto uma “entidade coletiva”, um campo epistêmico científico (Lagrave, 2020). Segundo a autora, os primeiros avanços foram dados com a criação de centros de pesquisa, grupos de estudos, revistas, fóruns e periódicos principalmente em universidades francesas e inglesas, mas isso não significou o fim da relutância acadêmica em incorporar os estudos feministas. Continuaram a enfrentar pressão e contragosto do pensamento hegemônico dominante nas universidades. Apesar disso, em cada campo das Ciências Humanas e Sociais, os estudos feministas se multiplicaram e avançaram.



Na Europa, França e Reino Unido, áreas como Sociologia, Psicologia e Filosofia discutiam questões de identidade e filosofia, enquanto os EUA abordaram uma perspectiva teórica mais liberal e voltada para o debate político. Isso teve reflexo no desenvolvimento de áreas como as Relações Internacionais, uma das últimas a incorporar as discussões feministas e de gênero (HERZ, 2002; HALLIDAY, 2007). Isto posto, percebe-se que, para a elaboração de uma pesquisa científica feminista, precisamos de uma associação entre teoria e método. Como aponta Narvaz e Koller (2006), não podemos negligenciar os aspectos epistemológicos, ideológicos e éticos envolvidos na escolha de um paradigma de pesquisa. São nossas escolhas de autores (as) e teorias para as análises que definem agendas de pesquisa e avanços teóricos nos diversos campos do saber. Enquanto pesquisadoras(es) feministas, é preciso distinguir que contextos históricos e teóricos distintos irão moldar o desenvolvimento de nossas análises.

A IMPORTÂNCIA E O PAPEL DOS CONCEITOS? + O CONCEITO DE GÊNERO

Um bom exemplo desse argumento é a utilização do conceito de gênero. O gênero enquanto instrumento de análise e debate teórico é incorporado de forma mais direta nos estudos feministas com “a terceira fase do feminismo (terceira geração ou terceira onda), cuja proposta concentra-se na análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649). O que antes era um campo de estudo sobre as mulheres e sobre os sexos, passa a ser o estudo das relações de gênero. Segundo Scott (1995), a inserção do gênero possibilitou a compreensão de que a história foi durante muito tempo estudada sem a percepção de que outros sujeitos a compunham. Passou a ser perceptível que as hierarquias e distinções de poder moldaram os discursos e a política, além de expor que os sujeitos são formados por meio de operações de exclusão. Nesse sentido, os esforços feministas demonstraram que era politicamente necessário traçar análises capazes de expor as operações de construção e apagamento dos sujeitos. Para Monte (2013), gênero pode ser entendido como

[...] UM SISTEMA DE SÍMBOLOS, EMPREGADOS PARA INTERPRETAR A REALIDADE E FIXAR SIGNIFICADOS, SERVINDO, CONSEQUENTEMENTE, NÃO APENAS COMO UMA CATEGORIA DE CLASSIFICAÇÃO E FORMA DE DIFERENCIAÇÃO DE INDIVÍDUOS, MAS TAMBÉM COMO UM GUIA PARA AS NOSSAS AÇÕES. ESSA CONCEITUAÇÃO DE GÊNERO INVERTE A VISÃO TRADICIONAL SOBRE A RELAÇÃO ENTRE INDIVÍDUOS E SUAS IDENTIDADES DE GÊNERO (MONTE, 2013, P. 69).

Portanto, a escolha do conceito de gênero como um artifício de pesquisa que direcionará determinada análise corresponde a uma opção metodológica de pesquisa e muitas vezes teórica. Devido a pluralidade de teorias que fazem parte dos estudos feministas, nem toda pesquisa intitulada feminista pressupõe o uso do gênero. Isso também acontece com outros conceitos como raça, corpo, classe e outros marcadores sociais das identidades e subjetividades.

AS ABORDAGENS DE GÊNERO E OS FEMINISMOS ENQUANTO ESCOPO TEÓRICO

O Realismo, o Liberalismo, o Construtivismo e, até mesmo, o Marxismo são teorias altamente validadas e valorizadas dentro do arcabouço teórico das Relações Internacionais. O mesmo, ainda, não pode ser dito em relação ao Feminismo. É bem verdade que, sobretudo, nos últimos anos, as perspectivas feministas e de gênero passaram a ganhar um papel de maior destaque na esfera das Teorias de Relações Internacionais (TRI). Contudo, também é necessário frisar que ainda existem entraves vivenciados pela teoria feminista, na busca por se tornar um paradigma consolidado e uma possibilidade teórica.

“A teoria e o movimento feminista estão em constante desenvolvimento, assim sendo, para um número incontável de feministas da contemporaneidade, falar em feminismo é cada vez mais trabalhar com a pluralidade de feminismos” (NASCIMENTO; FRANCO, 2023, p. 182)

Em síntese, o feminismo é engendrado na luta pela igualdade de direitos, política e social para as mulheres, com nuances distintas e com o intuito de superar e criticar o modelo vigente da sociedade patriarcal, bem como combater os abusos e violência em termos de gênero. Nesse entorno, o feminismo abarca uma gama ampla de mulheres e momentos cronológicos diferentes — As três ondas do movimento feminista são exemplos implacáveis. Em detrimento dessas diferenças, é possível afirmar que as mulheres enfrentam desigualdades em níveis e aspectos múltiplos (BOTELHO, 2022).

As mulheres ao redor do mundo continuam passando por um cenário de desigualdade desproporcional em relação aos homens, ainda precisando evidenciar e enfrentar esses problemas. Cada grupo de mulheres possui uma realidade diferente, que pode se dar por causas financeiras, territoriais e raciais, por exemplo. Cada movimento feminista tem uma forma de ação que condiz com sua existência (BOTELHO, 2022, online).



AS ABORDAGENS DE GÊNERO E OS FEMINISMOS ENQUANTO ESCOPO TEÓRICO

As singularidades, as diferenças e as disputas permeiam o centro das produções teóricas feministas. Tanto os consensos quanto os dissensos enriquecem e dão um caráter cada vez mais crítico para a construção das vertentes e agendas de pesquisas sensíveis às questões de gênero. As linhagens dos feminismos possuem focos específicos e são passíveis de críticas pelas lacunas que apresentam. Dentro delas, temos: feminismo interseccional, feminismo decolonial, feminismo liberal, feminismo radical, feminismo marxista ou social, feminismo negro, ecofeminismo, etc. Em termos de contribuições



Inegavelmente, o feminismo, seja no geral ou na nossa arena, precisa olhar melhor para a sua diversidade e para as demandas específicas, para assim ir ainda mais além da visão de um feminismo excludente branco, classista, ocidental, estadunidense e eurocêntrico. Epistemológica e ontologicamente, os feminismos mobilizam as ferramentas teóricas das Relações Internacionais. Seja por repensar o corpo teórico, por ampliar as ferramentas analíticas e conceituais das relações internacionais, por potencializar as agendas de pesquisa, eventos, produções, publicações e planos de ensino em TRI, dando um enfoque maior nas questões de gênero, por questionar as novas demandas da teorização dentro do próprio movimento feministas, nas RI e por explorar as divergências e concordâncias das dimensões feministas (NASCIMENTO; FRANCO, 2023, p. 186).



A POTÊNCIA DAS METODOLOGIAS – DIÁLOGOS ENTRE AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O GÊNERO

As metodologias e os métodos de pesquisa ganham cada vez mais notoriedade no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos. Seja em artigos, dissertações ou projetos de pesquisa, existe uma maior cobrança em termos de como escolher, descrever e “amarrar” esses dois aspectos em diálogo com a escrita e as escolhas teóricas realizadas. No caso das RI, para além das disputas quantitativas e qualitativas, identificar as variadas alternativas metodológicas disponíveis para serem aplicadas na construção da pesquisa científica e na produção de conhecimento é significativo para nos afirmarmos frente a outras disciplinas. Ainda ressaltamos o fato de que, as chamadas “Metodologias feministas”, são lidas enquanto críticas por conta do empenho em causar mudanças político-sociais, bem como o resgate das vivências e o empoderamento de mulheres e minorias.



REFERÊNCIAS

BOTELHO, Julia. Vertentes do feminismo: conheça as principais ondas e correntes!. Politize. 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/feminismo/>. Acesso em: 18 de out. de 2023.

HALLIDAY, Fred. Repensando as Relações Internacionais. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HERZ, Mônica. O Crescimento da área de relações internacionais no Brasil. Contexto Internacional, Rio de Janeiro, v. 24, n.1. 2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-85292002000100005>.

LAGRAVE, Rose-Marie. PESQUISAS FEMINISTAS OU PESQUISAS SOBRE A MULHER? Revista Pós Ciências Sociais, [S.L.], v. 17, n. 34, p. 19, 3 ago. 2020. Universidade Federal do Maranhão. <http://dx.doi.org/10.18764/2236-9473.v17n34p19-44>.

MONTE, Izadora Xavier do. O debate e os debates: abordagens feministas para as relações internacionais. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 59-80, abr. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2013000100004>.

NASCIMENTO, Danielle Gonçalves Passos do; FRANCO, Thiago Fernandes. UM ENCONTRO NECESSÁRIO. Revista Práxis e Hegemonia Popular, Marília, v. 7, n. 11, p. 176-189, 17 mar. 2023. Faculdade de Filosofia e Ciências. <http://dx.doi.org/10.36311/2526-1843.2022.v7n11.p176-189>.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, dez. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722006000300021>.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1995.

IMPORTANTE!

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, para fins comerciais, sujeitando-se o infrator às penalidades cíveis e criminais cabíveis.

Apostila produzida pelo Grupo de Pesquisa em Gênero e Relações Internacionais
Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP)

Responsável pela confecção da apostila: Thamires Cristina Vasques Durante

